

Nas de lata, aulas sob 40 graus

Com a seca, a temperatura dentro das salas de aula das 16 escolas de lata da Fundação Educacional chega a atingir, no período da tarde, cerca de 40 graus, provocando desmaios e dores de cabeça nos alunos. De acordo com os professores destas escolas, durante os meses de junho, julho, agosto e setembro, a capacidade de aprendizado dos estudantes chega a diminuir 30%. Mesmo assim a Fundação Educacional não tem previsão de quando os prédios serão substituídos por construções de alvenaria.

O Centro de Ensino nº 2, da Candangolândia, é um exemplo da situação difícil que os alunos vivem na seca. A escola é toda murada com tijolos, e mesmo fora das salas de aula, já se sente o clima abafado. Por causa dos muros o ar não circula dentro da escola. Ontem, o professor de geografia, Valdir de Andrade, estava trabalhando no corredor da escola. Às 16h00, segundo ele, é simplesmente impossível ficar dentro da sala dos professores. «Estou tentando programar algumas aulas e o único jeito é ficar mesmo no corredor». Segundo Valdir, aos alunos não resta outra solução, que não a de suportar o clima quente das salas. Ele acha muito difícil trabalhar na escola de lata nesta época do ano.

«Os alunos não param de pedir para tomar água, alguns passam mal e todos os dias somos obrigados a dispensar alguns alunos mais fracos», disse o professor.

A diretoria da escola solicitou ao complexo escolar «A», da Can-

dangolândia responsável pela administração do Centro nº 02, que o período vespertino fosse reduzido, devido às condições da escola. As aulas que começavam às 13h30, têm início agora às 14h20. Segundo a diretora interina, Joviniana de Moura Nascimento, os alunos estão sendo prejudicados porque, com a greve dos professores (durou mais de 40 dias no primeiro semestre), já houve prejuízos e agora, além do pouco que eles aprendem na seca, os professores estão tendo que correr ainda mais com o programa para cumprirem o currículo de 1987.

Os alunos

As salas de aulas têm cerca de 12 metros quadrados e comportam cerca de 35 alunos. A aluna Valéria Cristina Machado da quinta série, durante a aula de Ciências, não via a hora da aula terminar. «Hoje eu pensei em pedir dispensa, mas já perdi muitas aulas, pois sempre passo mal, com esse clima. É quase insuportável», reclamou Valéria. A professora Joana Dark disse que as reclamações dos alunos são constantes e que muitas vezes ela prefere lecionar no corredor. «Eu também estou doente por causa dessa escola. Tenho problemas renais que só estão piorando», disse ela.

A principal reivindicação dos professores é a substituição da escola de lata por um prédio de alvenaria, o mais rápido possível. Segundo eles, não adianta a Fundação Educacional protelar a

solução deste problema. Eles concordam que é necessária a construção de novas salas de aula, mas acham que o prioritário seria a substituição das escolas de lata que, principalmente na seca, oferecem aos alunos e professores um sofrimento desumano. Um dos professores, que preferiu não se identificar, disse que as vezes teme pela vida de alguns alunos, que já assistem aula com fome, muitas vezes não suportam o calor e geralmente precisam ser socorridos. Segundo esse professor, lecionar numa escola dessas é um ato de coragem e, mais que isso, «é ter que suportar o inacreditável todos os dias, principalmente na seca».

«Melhor que barraco»

O secretário de Educação, Fábio Bruno, disse que, por enquanto, a Fundação Educacional não pretende diminuir a hora-aula em nenhuma escola da FEDF. Ele afirmou que a comunidade que faz uso de escola de lata, na Vila Paranoá, já optou por aulas normais, mesmo com a seca. Segundo Fábio Bruno, muitos alunos ficam em melhores condições dentro das escolas de lata do que em seus barracos.

«Nós sempre pensamos como pequenos-burgueses. Essas escolas estão localizadas geralmente em áreas de invasões, onde as condições dos barracos dos moradores são bem piores que as encontradas nas escolas», explicou Fábio. O secretário de Educação disse que assim que a FEDF dispor de verba suficiente, todas as escolas de lata serão substituídas.